

Leitura(s) e tradutibilidade: biblioteca borgeana

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE E OUTROS¹

Docente do Mestrado em Ciências da Educação, área Educação e Bibliotecas,
Universidade Lusófona do Porto, Portugal

1. Introdução

“...pode-se afirmar também que cada releitura de um livro e cada lembrança dessa releitura renovam o texto”
(Jorge Luís Borges)

Este artigo resulta de um debate e uma reflexão crítica colectiva, no âmbito da Animação de Bibliotecas e Promoção da Leitura, disciplina do Mestrado de Educação e Bibliotecas da Universidade Lusófona do Porto. Configura-se como uma leitura plural polifacetada do emblemático conto “A Biblioteca de Babel” de Jorge Luís Borges (1893-1986). Através de uma rede de leituras designada como *um texto é composto de vozes* (BARTHES, 1973) posicionamo-nos diante de noções tributárias do pensamento ocidental: realidade, tempo, espaço, verdade e memória, universo e infinito, as quais são profundamente desestabilizadas pela textualidade² de Borges, visível neste conto “clássico”, em que o quotidiano se mistura à dimensão fantástica e a ficcionalidade se enleia no verosímil. Nessa medida, esta *biblioteca borgeana de indecidíveis* reenvia para um espaço de ensino e investigação na universidade que ao aspirar à universalidade do conhecimento se defronta com a aporia da intraduzibilidade e só a partir desse limite, cumpre o seu papel social intransponível.

2. Borges e a sua biblioteca de indecidíveis

Poucos escritores do século XX construíram uma biblioteca de indecidíveis (no sentido de Derrida) com tanta originalidade quanto Borges, mestre do realismo fantástico, do labirinto e dos paradoxos, mundialmente conhecido pelos seus contos e ensaios, em que sobressaem uma intrincada trama de carácter ficcional e uma intratextualidade atravessada de citações (in)directas, de alusões mitológicas e bíblicas, referências históricas, filosóficas, literárias, matemáticas, teológicas e paráfrases de seus próprios textos ou de escritores imaginários, anulando, assim, fronteiras entre sonho e realidade, numa multiplicação de fantasmagorias presentes na sua Biblioteca universal e infinita. Ao contrário de Derrida, que desconstruiu palavras ou conceitos canónicos do pensamento logocêntrico, Borges desloca todo o bloco do pensamento lógico abalando, através de paradoxos e outros artificios, pilares da estrutura da racionalidade. Alicerça o pensamento do *logos* numa base de simulacro, em que o onírico e o real se apoiam no jogo lúdico que esbate a linha de fronteira entre realidade e ficção. Talvez por isso, o duplo próprio do espelho seja uma das marcas recorrentes nos seus contos que se inserem, muitas vezes, num tipo de lógica dúplice.³ Borges, para quem a filosofia e a teologia são duas espécies da literatura fantástica, não só imprimiu sua marca de

¹ Mestrandos da 1ª edição: Ana Maria de Sousa Botelho Garrido, Carla da Conceição Gonçalves Lopes, Catarina Raquel Sampaio Loio, Isabel Andrade Azenha, Maria de Fátima Fernandes da Costa Rego Martins, Maria Irene Coelho Pinto Loureiro, Paulo Boaventura da Rocha Moreira, Pedro Manuel da Silva Ribeiro Cardona, Rui Manuel de Almeida Festa, Susana Maria dos Santos R, da Cruz, Jennifer Alejandra Sérgio da Silva, Ana Maria Balacó Guimarães Parracho e Liliana Isabel da Silva Pinto.

² Rodrigo Guimarães (2008) - *Jorge Luís Borges e Maurice Blanchot. Os pharmakós da escritura*. “Acta Literária” n.º37, II Sem. (97-109).

³ Ibidem

indecidibilidade em temas clássicos, como tempo, espaço, memória e a noção do eu, como também criou um labirinto de paradoxos incomuns e lúdicos, especulações desconcertantes sobre a linguagem, uma complexa teia de impossibilidades lógicas, numa ironia que leva ao limite uma representação realista do mundo apoiada num código único em que cada palavra ou imagem corresponde a um objecto ou situação específica. “A Biblioteca de Babel”, por exemplo, agrega em poucas páginas uma refinada trama de oposições binárias da metafísica; comparada ao universo, é formada por “um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais”, onde os bibliotecários nascem, vivem e morrem, imersos em buscas obsessivas de referências, livros com soluções para todos os problemas, livros de profecias e apologias, livros de puro contra-senso ou enigmáticos. O narrador, qual feiticeiro, ordena a desordem por um artifício de retórica, efectua uma passagem rápida da suprema indeterminação para o extremo determinado: o apelo à repetição, a necessidade de fixar o caos para imobilizar a disseminação do sentido.

3. Um texto tecido de vozes: leitura plural e prismática

“...Há quinhentos anos, o chefe de um hexágono superior deu com um livro tão confuso como os outros, mas que tinha quase duas folhas de linhas homogêneas. Mostrou o seu achado a um decifrador ambulante, que lhe disse que estavam redigidas em português; outros disseram-lhe que era iídiche...” (Jorge Luís Borges, 1941)

Talvez indagar - dispositivo intrínseco ao ensinar-aprender-investigar -, desafio aqui assumido, seja mais uma *peça* do silêncio inerente ao acto de ler que invariavelmente se abre para inúmeras referências biográficas, culturais, científicas e diversificadas perspectivas, múltiplos pontos de vista:

Leitura nº 1 – ...universo e eternidade futura, a biblioteca equivale a grande complexidade...⁴

“A BIBLIOTECA de BABEL - sugeriu-me a ideia de que o autor compara a Biblioteca a um Universo que é interminável. O ser humano vai desaparecendo, mas a Biblioteca perdurará, ...iluminada, solitária, infinita, inútil, secreta, etc. A biblioteca é de tal forma “Enorme” que toda a redução de origem humana se torna infinitésima.

O autor designa Biblioteca como um universo e o espaço físico é associado a um hexágono com múltiplas galerias hexagonais, equivalendo a uma grande complexidade, (livros, autores, ideias). Leva-nos também a pensar na evolução da Biblioteca até à actualidade. A Biblioteca não morre mas vai sofrendo alterações para estar sempre actualizada... É uma fonte de informação em todos os tempos. Faz-nos pensar na relação entre o Divino e o ser humano. A Biblioteca é a eternidade futura do mundo enquanto o Homem é o imperfeito Bibliotecário.”

Leitura nº 2 – ...espelho colorido, ordem e enovelamento, auto-conhecimento e tomada de consciência...⁵

Representação gráfica do conto “Biblioteca de Babel”, de Jorge Luís Borges



⁴ MIL

⁵ CL

“Uma biblioteca que se compõe de um número infinito de galerias hexagonais, conseguindo-se ver de qualquer hexágono os pisos inferiores e superiores.

Uma imagem espelhada, porque o espelho é o símbolo da revelação, da aparição, da tomada de consciência, do auto-conhecimento.

Que tomada de consciência? Somos travados pelo conhecimento do que conseguimos ver. As salas hexagonais representam, por agora, a inteligência e a universalidade; passado, presente e futuro, representados pelo número 3, sendo o 6 o dobro do 3. Se o triângulo virado para um dos lados pode representar o princípio masculino e o virado para o outro, o feminino, então estas formas simétricas remetem para a necessidade de “Ordem”, de união, de equilíbrio, de harmonia representada no retângulo que surge no meio deles, sendo este o equilíbrio dos opostos. À inteligência e à universalidade, acrescenta-se união, equilíbrio, harmonia, perfeição, símbolos da forma hexagonal das salas.

O enovelamento da imagem representa o conjunto de linguagens que vigoram no mundo e, conseqüentemente, nos textos. Tal como referiu Roland Barthes, “Um texto é um tecido de vozes.” Procura-se, então, uma mão, alguém que procure decifrar as mensagens contidas nos misteriosos volumes, que procure encontrar a “Ordem”, como elemento regulador da infinitude, representada pela direcção da seta. Vejamos, ainda, que a cor da seta é branca, o que simboliza o absoluto, a perfeição. Ter consciência desse absoluto ou de que o caminho se faz para a totalidade, é contentarmo-nos com a perfeição dos pequenos achados, de tesouros, de pedaços significativos desse todo na construção do conhecimento privado. Não posso descurar as restantes cores: sendo o vermelho a cor da vida; o azul, a cor da reflexão, do intelecto, do infinito; o castanho, a cor da terra; a cor-de-laranja, a cor do esplendor e o amarelo a cor da luz, da sabedoria e do bom senso, torna-se patente, a meu ver, que essa busca de “Ordem” se deve fazer de forma hexagonal, ou seja, com inteligência e equilíbrio.”

Leitura nº 3 – ... todos os livros possíveis e imaginários e mistérios da humanidade, a decifrar nos hexágonos infinitos da biblioteca⁶

“O conto retrata uma realidade em que o mundo é formado por uma biblioteca considerada interminável, sem fim, obrigando a uma infinidade de livros. O seu narrador, um dos muitos bibliotecários, considera que esta biblioteca tem todos os livros, com todas as possibilidades da realidade. Alguns não fazem o menor sentido, ou o fazem numa língua há muito desconhecida. Neste conto confunde-se a literatura e o mundo onde ler um texto é tentar decifrá-lo. Procura-se constantemente alguém que saiba decifrar as mensagens contidas nos textos dos misteriosos volumes...”

Para ele apenas o impossível está excluído, pois considera as bibliotecas como o “universo”, capazes de abarcarem todo o conhecimento possível. Considera ainda, que a biblioteca é formada por galerias hexagonais idênticas, regulares, que se interligam por vestíbulos e escadas, onde existem estantes cheias de todos os livros possíveis e imaginários, contendo cada um deles a solução de um problema ou o esclarecimento dos mistérios da humanidade. Fiquei com a sensação que eu própria estava a percorrer os hexágonos infinitos da biblioteca.”

Leitura nº 4 – ... colmeia, rede, a biblioteca como universo de diferentes linguagens, guardiã do conhecimento e do saber...⁷

“A Biblioteca de Babel fez-me idealizar um espaço com características semelhantes ao de uma colmeia, sendo os bibliotecários uma espécie de abelhinhas, organizadas e com funções definidas. A forma hexagonal das estantes e das salas, em número indefinido, num espaço indeterminável, repleto de vãos, escadas e latrinas, remete-nos para uma organização aparentemente perfeita e equilibrada.... Porém, os livros desta biblioteca, apesar de uniformes, quanto à forma e ao tamanho, não têm ordenação e organização temática. Abordam assuntos diversos, nas mais diversas línguas, e alguns chegam mesmo a ser ininteligíveis. Cada livro é único e

⁶ MFF CRM

⁷ JS

distinto. A organização temática dos livros nas estantes é irrelevante, existindo catálogos mas que são insignificantes.

A Biblioteca é um universo repleto de diferentes linguagens, que existe e durará *ad aeterno*, guardiã do conhecimento e do saber. Daí que haja uma perseguição histórica aos livros e às bibliotecas, por reunirem informações ameaçadoras. (...)

Nesta ficção, o homem é um imperfeito bibliotecário que vive angustiado e afectado por um ambiente enigmático e nebuloso, numa busca incessante e constante pela perfeição. Muitos homens acabam mesmo por pôr termo à vida, por não conseguirem decifrar conteúdos incompreensíveis de certos livros.

Atribuir um significado coerente ao que se lê é uma constante preocupação humana. É importante que o bibliotecário conheça as obras da sua biblioteca, mas não de uma forma obsessiva, pois a biblioteca é um organismo vivo, em constante crescimento e mutação, sendo a tarefa do bibliotecário infundável. Na biblioteca de Babel, o bibliotecário é apresentado como um guardião e orientador, não como um pesquisador.

Este conto metafísico é uma alegoria do universo humano, sendo a biblioteca um espaço habitável onde cada livro representaria a individualidade humana...”

Leitura nº 5 – ...labirinto, espelho, universo e ordem perfeita, um tempo sem tempo, conteúdos indecifráveis, paradoxo...⁸

“A leitura do conto ‘A Biblioteca de Babel’ introduz-nos numa (i)realidade que de tão labiríntica e densa nos faz emergir num clima de inquietude que chega a ser avassalador pela intensidade dos sentimentos que desperta: profunda solidão, ausência de privacidade, sentimento de extrema pequenez, uma intensa angústia despertada por uma busca de sentido e de conhecimento, que de tão inacessível para o comum dos mortais, leva, por vezes, à loucura e mesmo à fuga da própria vida.

Logo no início, Jorge Luís Borges diz-nos que esta Biblioteca não é uma qualquer biblioteca. É a Biblioteca das bibliotecas, sendo esta a (sua) representação do Universo. A imagem que nos dá desta Biblioteca/Universo é a de absoluta perfeição. A forma por si escolhida - hexágonos múltiplos, contínuos, de encaixe perfeito, sempre iguais, de repetição ilimitada -encerram um Tempo sem Tempo. Passado, Presente, Futuro ligados num espaço infinito que perdura para além da existência humana. Construção tão perfeita que, segundo o autor, só pode ser obra de um deus.

A meio do conto, Borges posiciona o Homem, o imperfeito bibliotecário, que ao longo dos séculos faz habitar (e por vezes se arrisca a atravessar) o labirinto interminável da Biblioteca que luz e espelhos complexificam exponencialmente. Ao bibliotecário, (ser imperfeito no seio da perfeição) atribui a guarda de salas, de estantes, de prateleiras, de livros, do Conhecimento. Tarefa difícil, dificuldade das dificuldades! Do número infinito de livros de que faz rodear o bibliotecário, não se conhece Catálogo. Tampouco a análise livro a livro é apresentada como profícua! Os conteúdos são tidos como indecifráveis. Paradoxalmente, a Ordem é apresentada como incompreensível, como uma verdadeira Torre de Babel. Apenas de vez em quando um pequeno trecho de um livro entre o número ilimitado de livros é decodificado! Ainda que a Ordem Perfeita, a Perfeição Absoluta, o Conhecimento Total não sejam acessíveis a qualquer Ser Humano por muito pequenos que sejam os avanços na aproximação a essa Ordem e a esse Conhecimento, a percepção final é que ao papel dos Bibliotecários é atribuído sentido sem deixar de se considerar que a Biblioteca/Universo perdurará indefinidamente, independentemente e muito para além de qualquer Bibliotecário (espécie humana).”

⁸ IA

Leitura nº 6 – ... a biblioteca, espaço infinito a decodificar ...Internet...alegoria em que literatura e realidade se confundem...⁹

“A Biblioteca de Babel é uma Biblioteca onde os recursos parecem ser infindáveis, existindo uma imensidão de livros. Os volumes da biblioteca contêm todas as possibilidades do que possa ser a realidade e para além da realidade. Alguns livros podem não fazer o menor sentido, mas o importante é a busca constante da decodificação das mensagens contidas nos volumes. (...) Graficamente, a Biblioteca de Babel está dividida por zonas bastantes distintas e identificadas. É um espaço infinito de livros distribuídos por prateleiras, estantes, salas e andares que contêm todas as combinações possíveis de letras nas suas páginas e onde todas as obras imagináveis e inimagináveis estão arquivadas. É inevitável comparar-se a Internet com a biblioteca delineada por Jorge Luís Borges. Existe um número infindável de documentos online e são acrescidos a cada momento. No entanto, há uma diferença significativa entre os dois. ... São hoje criadas páginas e páginas na internet que carecem de validação e por isso a web necessitaria de pessoas credenciadas para classificar, codificar e validar a informação.”

Leitura nº 7 - ... todos procuram a grande resposta...¹⁰

“Número infinito de galerias, de forma hexagonal, cujas paredes se encontram forradas de prateleiras; Cada prateleira extremamente preenchida com inúmeros e organizados livros; Cada livro contém respostas para um problema, uma dúvida, um mistério; O Homem, a Humanidade, procura o livro certo para obter a resposta à sua dúvida; Todos procuram a grande resposta! Um ambiente introspectivo, com homens circunspectos...”

Esta será a imagem da Biblioteca de Babel. Um espaço tão vasto que se perde no horizonte da nossa visão, espaço organizado, com corredores largos onde se passeiam homens à procura... De quê? De respostas para todos os mistérios da vida.

A Biblioteca de Babel representará a unidade do saber (uma vez que comporta todos os saberes) ou pelo contrário, está lá tudo, mas o homem jamais conseguirá juntar/ordenar todos esses livros e escrever o grande livro que responderá ao mistério da vida/do Universo? ...Será que o Homem conseguirá encontrar o Livro Total, a *password* para o saber, para Deus?

Forma hexagonal: Torre de Babel – Zigurates – porta para o céu? A forma hexagonal está associada ao equilíbrio, à harmonia. Representa a fonte de toda a criação, a energia primordial e o próprio homem dotado da Luz Divina que lhe foi transmitida.(...)”

Leitura nº 8 -... metáfora da Sociedade de Informação e Conhecimento, onde se confundem Mundo e Literatura, supra-realidade e meta-informação...¹¹

“A ‘Biblioteca de Babel’ de Jorge Luís Borges é um conto fantástico, metafísico, que aborda o infinito. Pode ser visto como uma metáfora da Sociedade da Informação, desafiando conceitos de tempo, espaço, mundo, (ir)realidade...Esta biblioteca, comprável ao universo, é uma transfiguração do mundo real em virtual, em que há uma referência ao mundo como repositório de informação, em que o mundo e a literatura se confundem numa representação visionária da actual sociedade da informação. O autor/narrador apresenta-se como um dos muitos bibliotecários de “Babel”, evidenciando a busca incessante de decifrar as mensagens dos enigmáticos volumes...”

⁹ PM C

¹⁰ CL

¹¹ PBRM

Leitura nº 9 – ...Geometria, pintura, arte ... o centro como uma espécie de fosso... ventilação... descrição clara e justa da Biblioteca que perdurará...¹²

“A imagem que escolhi para este trabalho foi um quadro célebre de Maria Helena Vieira da Silva, “Biblioteca” (1949). Não conhecia este trabalho, que me surpreendeu pelas suas semelhanças com o conto em análise. As figuras geométricas são o elemento dominante, como também se faz referência ao hexágono, na ficção. Estas

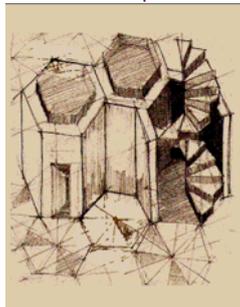


figuras parecem ser livros, estantes, escadas... numa pluralidade tal que quase parecem ser infinitos. Precisamente no centro do quadro, as imagens remetem-nos para uma espécie de fosso – um piso inferior onde se veem muitos leitores. O universo (que todos chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercados por parapeitos baixíssimos. De qualquer hexágono veem-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente.” Este número indefinido de galerias hexagonais... simboliza a união aplicada, organizada, que

contribui para o equilíbrio, a ordem. Descrição clara e justa da Biblioteca. A cor também é um elemento muito forte neste quadro; em particular o vermelho, símbolo do amadurecimento, do conhecimento, da vida e da imortalidade. “Talvez me enganem a velhice e o temor, mas tenho a suspeita de que a espécie humana – a única – está prestes a extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta.”

Leitura nº 10 – ...Internet rede infinita de sinapses de conhecimento... estrutura rizomática... duas bibliotecas...¹³

Esboço de idealização da biblioteca inspirado nas representações da ficção



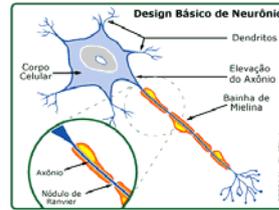
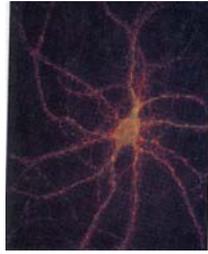
“A Biblioteca de Babel é um conto inserido no livro Ficciones, de uma grandiosidade e beleza que despertou o meu interesse... Qual o porquê da escolha de Borges, contista e bibliotecário argentino, para representar a Biblioteca como galerias hexagonais? Quando Borges diz que a Biblioteca se compõe de um número indefinido e talvez infinito de galerias hexagonais, talvez o faça por o hexágono ser das formas geométricas organizadas o que mais se aproxima da isotropia. A estrutura hexagonal é a estrutura do infinito, em que tendem a se arrumarem as partículas quando não existem interações privilegiadas entre elas.

Dos muitos textos que encontrei na Internet (essa rede infinita de sinapses de conhecimento) sobre este conto, destaco o ensaio de Iva Seto, *Organization of Knowledge and the Hyperlink: Eco's The Name of the Rose and Borges' The Library of Babel* que compara o *Nome da Rosa* de Umberto Eco à *Biblioteca de Babel*, e sugere que esta é uma antecipação da estrutura rizomática e sináptica da Internet. (...)

¹² AMGP

¹³ AM BG

Leitura nº 11 -... intertextualidade... imagem bíblica ...biblioteca modelo de universo cerebral a transformar num universo à medida do homem...¹⁴



“Ao lermos o conto *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luís Borges, somos confrontados com um texto ficcional que nos lança no universo do fantástico, o que é comum nas narrativas deste autor. O narrador conduz-nos a reflexão sobre o universo que habita, uma biblioteca, que é a verdadeira protagonista do texto. Estamos perante uma voz narrativa que se apresenta como alguém envelhecido que se prepara para morrer, concluindo a sua peregrinação ou viagem, e conformado com o regresso à sua terra natal, ou melhor, ao seu “hexágono natal”. Essa primeira pessoa que nos introduz na biblioteca exprime-se num tom melancólico, meditando sobre a extensão ilimitada do seu universo, que corresponde à infinitude das combinações dos símbolos ortográficos. Esse sentimento torna-se visível logo na citação que antecede o conto, uma frase de um livro de 1673, “Anatomy of Melancholy” de Richard Burton(…)”

O universo do narrador é descrito como uma formação de salas que têm a forma de hexágonos, com paredes cobertas de estantes de livros. São descritos os pormenores desses espaços e os seus habitantes, que são homens “imperfeitos bibliotecários”. Alvo de análise por Umberto Eco (1989), este universo tem leis próprias de funcionamento: “...As suas leis não são as da ciência neopositivista, são leis paradoxais. A lógica (a mesma) da Mente e a do Mundo são ambas uma ilógica.”

O narrador assume-se como bibliotecário e viajante em busca de um sentido e explica a “natureza informe e caótica de quase todos os livros”, “livros impenetráveis” que correspondem a línguas diversas, numa intertextualidade com o texto bíblico. Logo a partir do título o leitor é convidado a estabelecer um paralelismo com o relato bíblico da “Torre de Babel” (capítulo onze do livro do Génesis).O elemento comum é a multiplicidade de línguas. Na narrativa bíblica os homens nômadas falavam uma só língua, tentando fixar-se e construir uma cidade e uma torre, cuja extremidade alcançaria o céu de modo a simbolizar a união dos homens. Mas Deus desaprovou esta iniciativa, e temendo que os homens se tornassem mais poderosos e fortes, instaurou a confusão através do surgimento de muitas línguas: “Por isso, lhe foi dado o nome de Babel, visto ter sido lá que o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e foi também dali que o Senhor os dispersou por toda a terra.” (Gn 11,9)

A recorrência a esta imagem bíblica sugere a ambição humana contrariada pela vontade de Deus. Babel representa a partir de então a multiplicidade de línguas humanas. Na biblioteca total de Borges existem livros de todas as línguas. Numa tentativa de transcendência, o bibliotecário de Borges permanece limitado à sua humanidade.

O conto, texto literário, numa linguagem tal como a matemática, representa um meio para exprimir verdades, embora não alcance a verdade existencial. ... A vida desse universo é descrita em termos resumidos dos momentos mais marcantes...: o tempo da depressão, o tempo do terror com as ações radicais dos purificadores e o tempo em que se defendia o “Homem do Livro” que explicaria a existência através de um “livro total”. ...a totalidade da biblioteca inclui todas as épocas, abarcando uma noção de tempo global. Neste ponto, o narrador alude à busca do “nome poderoso de um deus”, reflectindo a faceta gnóstica do próprio Borges, intelectual humanista, partilhando a ideia de que o homem vive numa espécie de fantasmagoria, numa distorcida imagem da eternidade. Daí que a obra de Borges permita um vasto espectro de leituras críticas, abordando conceitos filosóficos e religiosos, simbolismos, estudos sobre a linguagem entre outros. ...

¹⁴ SMSR C

numa poeticidade, experimentalismo, fragmentaridade, por vezes de cariz alegórico, utilizando a ironia, recursos prosódicos e tecendo uma escrita repleta de referências intertextuais, que lhe permitem inserir-se no cânone literário ocidental. (...)

A estrutura do universo concebido neste conto representa labirinticamente o infinito. Um dos símbolos recorrentes na obra deste escritor é o labirinto, que aqui nos é sugerido na descrição das salas hexagonais da biblioteca e das ligações entre elas. O labirinto pode ser interpretado como imagem da consciência humana, a mente humana, o próprio universo, a ideia de irracionalidade, a noção de tempo ou de espaço na nossa dimensão. O homem / bibliotecário encontra-se viajando num universo infinito que ocupa a atenção do narrador do início ao fim do texto. A aproximação da estrutura labiríntica da biblioteca à noção de infinito aponta-nos uma possível leitura: uma reflexão sobre o dilema existencial do homem, o encontro da finitude humana com a transcendência da criação, que neste caso pode também ser a nossa inacessibilidade ao saber acumulado.

Se, por um lado, a imagem mental que criamos ao ler “A Biblioteca de Babel” consiste num mundo de hexágonos, uma estrutura semelhante aos favos de mel das colmeias de abelhas, por outro lado, o hexágono evoca também a forma de um neurónio, com o seu corpo celular ao centro e os seus dendritos nas extremidades, com as suas ligações nervosas conduzindo informação no seu universo cerebral.

Os volumes da biblioteca acabam por se repetir numa aparente desordem, como se o nosso acesso à informação fosse, de alguma maneira, desorganizado, o que nos direcciona para a aproximação a uma estrutura de informação semelhante à Internet, como vários autores contemporâneos têm referido. Neste sentido, John F. Sowa, um teórico matemático, afirma: “In a prescient anticipation of the world wide web, Borges described people who spend their lives aimlessly searching through the rooms with the hope of finding some hidden secrets. But no matter how much truth lies buried in such a collection, it is useless without a method of organizing, evaluating, indexing, and finding the books and the theories contained in them.” Também Christopher Rollason (2004) no seu ensaio “Borges ‘Library of Babel’ and the Internet”, estabelece uma aproximação entre a Biblioteca de Borges e a Internet: “The proliferation of websites and newspapers has not descended from outer space: Borges’ library is presented as a pre-existing, immutable given, (...) but the Internet is nothing of the sort. The virtual library now evolving in cyberspace differs from any previous library – real or imaginary, Alexandria or Babel – because it is also the creation of its readers.” (...)

Concluimos este nosso comentário com Umberto Eco (1998): “...se a biblioteca é, como pretende Borges, um modelo do Universo, tentemos transformá-la num universo à medida do homem (...).”

Leitura nº 12 - ...biblioteca, universo infindável...livro registo de muitos livros...o decifrar da caótica organização leva ao detentor da informação...¹⁵

“No conto em análise, é referida a Biblioteca como o universo, infindável, onde existe um número sem limite de livros. Nesses livros encontra-se todo o conhecimento, toda a realidade possível, pois já foi escrito nos livros existentes, e nos que ainda vierem a ser escritos um dia, portanto estes são repetições de outros livros já existentes. Cada livro contém o registo de todas as histórias e acontecimentos dos Homens, desde sempre, por isso, mesmo que se destruam alguns livros, o conhecimento estará noutros livros. Os diversos leitores que leem o mesmo livro, têm uma infinidade de compreensões. (...) E quem conseguir decifrar esta caótica organização será o detentor da informação.”

Leitura nº 13 – ...pensamento, linguagem, vida...Ordem vs Desordem¹⁶

“Dada a multiplicidade de interpretações que o conto “A Biblioteca de Babel” nos permite, não posso afirmar que a leitura do mesmo tenha sido pacífica. Neste jogo de “descoberta de sentidos”, reduzo esta experiência a duas ideias que vejo interligadas.

¹⁵ LP

¹⁶ RMAF

a) *"No princípio era o Verbo..."*¹⁷

"A biblioteca é a nossa reserva de saber, como um tesouro disponível. Nos sonhos, a biblioteca é geralmente uma alusão aos conhecimentos intelectuais, ao saber livresco. Entretanto, nesses sonhos encontramos, às vezes, um velho e misterioso livro de magia, geralmente banhado de luz, que simboliza o *conhecimento*, no sentido pleno do termo, isto é, a experiência vivida e registada."¹⁸

Este conto pode ser visto como uma alegoria do nosso mundo e da importância da linguagem, enquanto meio de comunicação e fonte de conhecimento. O aqui e o agora (o ontem e o amanhã) é comparável a uma biblioteca em que cada livro representa o conhecimento humano, súpula de informação disponível, os acontecimentos, experiências e expectativas dos indivíduos ao longo dos tempos. Nesta "Biblioteca", a palavra, presente em todos os livros, é a base de tudo e tem potencialidades ilimitadas. Todos têm acesso à informação, pois as estantes onde os livros estão "mal excede a (altura) de um bibliotecário normal"¹⁹, no entanto, é necessário que alguém os decifre, pois como afirma o narrador: "os livros em si nada significam."²⁰

b) O sentido da vida

"Se esperarmos viver não somente
de momento a momento,
mas na plena consciência da existência,
então a nossa maior necessidade
e a nossa mais difícil realização é
encontrarmos um sentido para as nossas vidas."²¹

Numa segunda leitura, assumo que este "universo (a que outros chamam de Biblioteca)"²² é a própria Humanidade, mas que cada livro poderia corresponder a cada um de nós: "*Não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos*"²³, da mesma forma que não há duas impressões digitais iguais. Os bibliotecários são homens imperfeitos, à procura de uma verdade. Ao longo do conto, esta ideia de procura, de missão, é reiterada pelos vocábulos "luz", "peregrinei", "decifrar", "solução", "descoberta", "mistérios". O narrador procura o "catálogo dos catálogos", nós, a "felicidade". Realmente todos procuramos algo, todos queremos descobrir o "sentido da vida", perceber quem somos, o que nos rodeia, descobrir qual o nosso papel nesta Biblioteca.

Não estarão todas as soluções que o homem (bibliotecário) procura dentro dos livros (dentro do próprio homem)? [Seria a altura para falar de DNA e de códigos genéticos...]

- "Cada exemplar é único, insubstituível, mas (como a Biblioteca é total) há sempre várias centenas de milhares de fac-símiles imperfeitos."²⁴ – efectivamente cada um de nós é único e insubstituível, não obstante as imitações imperfeitas;

- "Falar é incorrer em tautologias"²⁵ – é difícil dizer ou criar algo novo ou original, por vezes limitamo-nos à adaptação...;"Conheço distritos onde os jovens se ajoelham diante dos livros e barbaramente lhes beijam as páginas, mas não sabem decifrar uma única letra."²⁶ – a linha que separa a fé do fanatismo é, por vezes, demasiado tênue!

Este texto riquíssimo é uma alegoria da humanidade, onde o homem, ser imperfeito e insatisfeito, se sente impelido a encontrar o "sentido da vida". Todos temos um lugar nesta biblioteca "ilimitada e periódica", onde

¹⁷ *Bíblia*, João 1:1

¹⁸ (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1982)

¹⁹ Borges, 2003.

²⁰ *Ibidem*

²¹ (B. Bettelheim, 1998)

²² (Borges, 2003)

²³ *Ibidem*

²⁴ *Ibidem*

²⁵ *Ibidem*

²⁶ *Ibidem*

“os mesmos volumes se repetem na mesma desordem”²⁷ ou não defendessem alguns a ideia de que a História é cíclica...”

Múltiplas são, pois, como acabamos de ver, as pistas que se abrem a partir deste corpus de leituras singulares, as quais, por sua vez, nos conduzem ainda ao tópicos que se segue.

4. Tradutibilidade como valor incontornável

Num mundo globalizado pelos múltiplos impactos das novas tecnologias da informação, da comunicação e da revolução digital em curso, a *tradutibilidade*, representada de certo modo na bíblica “Torre de Babel”, matriz literária referencial básica de “A Biblioteca de Babel” de Borges, mais do que na *traduzibilidade* em que há sempre um fundo de *intraduzibilidade*, é o valor incontornável, solidariedade entre os seres vivos e não só entre os humanos. Todas as línguas, como todas as pessoas são idiomáticas, singulares, e nessa medida, intraduzíveis. No entanto, há um fundo comum neles, onde é possível fazer a experiência no idiomático de uma língua, paralela à experiência do idiomático noutra língua. Esta noção que se encerra na *tradutibilidade* sempre foi e continua a ser essencial à educação e à investigação pela via da leitura-escrita.

5. Conclusão

A anterior leitura/escrita prismática, singular e plural, a partir de um fundo de intraduzibilidade, configurada enquanto experiência incontornável de tradutibilidade, abre para um processo de investigação que tendo em conta essa tradutibilidade geral, supõe uma reestruturação profunda da formação, no que se refere, por exemplo, à inevitabilidade da leitura/escrita, prática cultural imediata, e talvez o resultado universalmente mais partilhado da aprendizagem escolar²⁸. Questionar estas representações comuns, pesquisa que tem ocupado vários estudiosos no campo da sócio-história e dos estudos da cultura, especialmente desde a década de 1980, apresenta-se-nos como uma área promissora e estimulante de investigação no campo das Práticas de Leitura e Bibliotecas, especialmente no Ensino Universitário.

Referências bibliográficas

- BARTHES, ROLAND (1973). *ANALISE ESTRUTURAL DA NARRATIVA*. 3ªED. PETROPOLIS:VOZES
- BORGES, JORGE LUIS (2003). *FICCÇÕES*. PORTO: MEDIASAT. (COLEÇÃO MIL FOLHAS).
- CASTELLS, MANUEL (1999). *A SOCIEDADE EM REDE*. 6ªEDICÃO. SÃO PAULO: PAZ E TERRA
- CHARTIER, ROGER, DIR. (2003). *PRATIQUES DE LA LECTURE*. PARIS: ED. PAYOT & RIVAGES
- DERRIDA, JACQUES (1997). LE PAPIER ET MOI, VOUS SAVEZ... « LES CAHIERS DE MÉDIOLOGIE », N.º 4, PARIS :GALLIMARD.
- ECO, UMBERTO (1989). *SOBRE OS ESPELHOS E OUTROS ENSAIOS*. LISBOA: DIFEL.
- FRYE, NORTHROP (1990). *ANATOMY OF CRITICISM*. LONDON: PENGUIN BOOKS.
- ROLLASON, CHRISTOPHER (2004). BORGES’S “LIBRARY OF BABEL” ANT THE INTERNET. INDIAN JOURNAL OF WORLD LITERATURE AND CULTURE. VOL 1.1 JAN. – JUNE 2004, PP. 117-120.
- VIRGIL, J. (2007). *A BIBLIOTECA DE BABEL: UMA METAFORA PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO*. [DISPONIVEL EM [HTTP://WWW.DATAGRAMAZERO.ORG.BR/AGO07/ART_04.HTM](http://www.datagramazero.org.br/ago07/art_04.htm), CONSULTADO EM 18 JANEIRO, 2010].

²⁷ Ibidem

²⁸ R. CHARTIER, 2003